

Amor e morte e seu impulso para a criação nos poemas românticos “Mocidade e morte”, de Castro Alves, e “O corvo”, de Allan Poe*

*Danielle Cristina Vieira Silva
Débora Couto Magarão Ribeiro
Eduardo Salabert Rosa Júnior
Isabella Lígia Moraes***

RESUMO

O estudo trata da perda amorosa associada à morte nos poemas românticos “Mocidade e morte”, de Castro Alves e “O corvo”, de Allan Poe; com foco nas estratégias de sedução propostas por ambos. Apresenta as semelhanças entre os poemas, os quais possuem vozes que representam a morte e falam de sofrimento, e também as diferenças na maneira de cada poema tratar a morte. Busca, assim, mostrar como os românticos aproximam os conceitos de amor e morte, aparentemente díspares, resgatando elementos das cantigas trovadorescas, entre os quais o impulso para a criação.

Palavras-chave: Amor; Morte; Sedução; Sofrimento; Perda; Castro Alves; Edgar Allan Poe.

O amor é abordado pela literatura desde os textos mais antigos, justamente por ser um tema inerente à vida humana. Entretanto, nos textos do Trovadorismo e, posteriormente, nos textos do

* Trabalho apresentado à disciplina Textos Fundadores das Literaturas de Língua Portuguesa, ministrada pela Profª Dra. Lélia Maria Parreira Duarte, no 1º semestre de 2008, no curso de Letras da PUC-Minas.

** Graduandos em Letras na PUC-Minas.

Romantismo, o amor é tratado de um ponto de vista especialmente interessante, que é o da perda do ser amado associada à morte e vista como impulso para a criação literária.

Nesse sentido, amor e morte se relacionam no texto literário, especialmente se se lembrar o estudo de Bataille (1980) sobre o erotismo, em que até a realização amorosa é relacionada à morte, já que o fato de dois se tornarem um significaria a morte dos dois.

O trovador e o romântico, entretanto, não consideram a morte apenas como o fim da vida, já que a finitude acompanha o desesperançoso e melancólico “eu lírico” em tudo o que ele faz. Essa morte, portanto, pode ser simbólica, ligada à separação, que sempre será um dos riscos do amor. Portanto, o amor tratado como perspectiva de sofrimento se relaciona à morte simbólica vivenciada na separação, mesmo que essa separação não tenha sido ocasionada por uma morte física.

Neste estudo, analisaremos os poemas “Mocidade e morte”, de Castro Alves, e “O corvo”, de Edgar Allan Poe, sob a perspectiva da relação amor / morte. Ambos os poemas tratam do amor no sentido da perda do ser amado, e ambos trazem uma peculiaridade, que é a presença de “vozes” que falam de sofrimento e morte. No poema de Castro Alves, há uma voz agourenta que se intercala à fala do eu lírico, profetizando a morte e o sofrimento. Já no poema de Allan Poe, o corvo é uma espécie de personificação da morte, profetizando ao eu lírico que este jamais reencontraria sua amada. O objetivo deste estudo é analisar a relação dessas “vozes da morte”, que se manifestam em ambos os poemas, com a perspectiva de perda do ser amado em sua relação com a criação literária.

A análise se baseará, portanto, na abordagem feita pelos poemas ao amor como vivência da morte, sendo que a morte não significa o fim, mas o início do sofrimento, fazendo com que a morte física passe a ser desejável como fim para os tormentos. Nessa perspectiva, o amor,

que traz consigo a morte, deixa de ser um sentimento de felicidade e realização, passa a ser prenúncio de tristeza e torna-se um impulso para a criação literária.

A COMPOSIÇÃO DOS POEMAS

O poema "Mocidade e morte", escrito por Castro Alves em 1864, revela já em seu título a influência do "mal do século" na obra do poeta. O "mal do século", ou *spleen* para os ingleses, era o sentimento de infelicidade e tédio comum aos jovens da época, que consideravam a morte como fuga das vicissitudes da vida. No século XIX, tornou-se comum morrer cedo, fosse por suicídio ou pela tuberculose, caso do poeta Castro Alves.

"O corvo" (*The raven*) é um poema do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, publicado pela primeira vez em 29 de Janeiro de 1845, no **New York Evening Mirror**. Esse poema teve sua primeira tradução feita para o francês por Charles Baudelaire. O poema também teve traduções para o português, sendo que as de Machado de Assis e de Fernando Pessoa são as mais conhecidas.

O próprio Poe explica o processo de composição de seu poema "O corvo", na obra "A filosofia da composição", publicada pela primeira vez em 1846. Nessa obra, Poe explica que a composição de um poema deve se basear na precisão lógica e seguir a sequência rígida de um problema matemático.

Segundo o autor, o primeiro elemento a ser definido é a extensão do poema, pois a extensão conserva relação com a emoção. Podemos chamar de poema apenas o que emociona intensamente, e todas as emoções intensas são breves. Poe (1999) defende que a unidade de impressão na leitura surte um efeito mais significativo do que uma leitura fragmentada. Portanto, a extensão de 108 versos do poema "O corvo" e de

efeito a ser obtido, elege então o tom que proporcione a mais alta manifestação da beleza, ou seja, o tom de tristeza. Observando que a beleza muitas vezes provoca lágrimas nas pessoas sensíveis, Poe conclui que a melancolia é "o mais legítimo de todos os tons poéticos". Objetivando sempre a perfeição em todos os pontos, Poe imaginou qual entre todos os temas melancólicos seria o mais melancólico segundo a compreensão universal da humanidade. A resposta prontamente se apresentou como sendo a Morte o tema mais melancólico. Em seguida, Poe procura verificar quando esse tema mais melancólico se torna o mais poético. A conclusão de Poe se enquadra na concepção romântica vigente na época, em que o tema mais melancólico e mais poético era a morte de uma bela mulher. Portanto, o "eu lírico" mais apropriado para desenvolver tal tema seria um amante cuja amada é morta.

O tom de tristeza se manifesta no poema de Castro Alves de maneira ligeiramente distinta do poema de Poe. Castro Alves mantém a morte como sendo o tema mais adequado ao tom da tristeza, embora nesse poema a morte não seja da pessoa amada, e sim do próprio eu lírico. A maneira de tratar a morte nos dois poemas em análise não difere, entretanto, apenas no âmbito das personagens, mas também no modo de essas personagens conceberem a morte.

Em "O corvo", a morte é concebida como a característica tipicamente romântica do escapismo. Estando morta a pessoa amada, resta ao "eu lírico" apenas se lamentar e desejar sua própria morte para o fim de seus sofrimentos. Inicialmente, o "eu lírico" procurava esquecer através dos estudos a amada morta, e essa tentativa malograda de fuga da realidade passa a se manifestar na atmosfera de sonho na qual todo o poema se insere, pois o amante quase adormecia quando ouvia o som das batidas do corvo na janela.

Em "Mocidade e morte", no entanto, é o "eu lírico" quem se aproxima da morte enquanto sua amada vive, como podemos ver no

verso em que ele se despede dela: “Adeus, pálida amante dos meus sonhos!” Nesse sentido, a morte é indesejável, já que afastaria o eu lírico do amor, ao contrário do poema de Poe, em que a morte uniria novamente os amantes. Enquanto no poema de Poe a morte é desejada, no poema de Castro Alves ela é rejeitada. A visão pessimista da morte no poema de Castro Alves pode ser exemplificada com os seguintes versos, nos quais o eu lírico compara elementos da vida aos da morte:

Ai! Morrer – é trocar astros por círios,
Leito macio por esquife imundo,
Trocar os beijos da mulher – no visco
Da larva errante no sepulcro fundo.
(ALVES, 1980, p. 16)

Podemos dizer que “O corvo” é uma lamentação, enquanto “Mocidade e morte”, apesar de se manifestar no tom de tristeza, é uma adoração à vida. Isso pode parecer um paradoxo, mas a adoração à vida traz consigo um terror à morte, um sentimento frustrante de que a morte interromperá ou impedirá a vivência das alegrias. O desejo da vida em “Mocidade e morte”, no entanto, não significa que o eu lírico esteja satisfeito com sua vida, contrariando a tendência romântica: nesse poema a morte não interromperia, mas sim impediria a vivência futura da felicidade, como mostram os seguintes versos:

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! – brada-me o talento n’alma
E o eco ao longe me repete – avante! –
O futuro... o futuro... no teu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória!

Após um nome do universo n’alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

E a mesma voz repete funerária: –
Teu Panteon - a pedra mortuária!
(ALVES, 1980, p. 16)

Para compreender a visão que o poema de Castro Alves traz da morte, é essencial observar as epígrafes do poema. A primeira epígrafe é de Laurindo, e diz que o porto chamado Eternidade é avistado e descrito como “imenso, nebuloso, e sempre noite”. A Eternidade sendo avistada anuncia a proximidade da morte, que é descrita como sendo “sempre noite”. Essa escuridão associada à morte traz o terror do desconhecido e a concepção de algo sombrio após a vida. Essa epígrafe está adequada ao poema no sentido de que a morte é vista como algo sombrio e sem esperanças. Já no poema de Poe, a escuridão é associada ao ambiente em que o eu lírico vive, pois a desesperança do “eu lírico”, como característica romântica, é refletida no ambiente em que ele se encontra. O ambiente soturno de seus aposentos é cercado pela noite escura, o que revela que o personagem não tinha nenhuma perspectiva de luz ou esperança. Portanto, nesse poema, a característica de imensidão escura é atribuída ao ambiente em que o eu lírico vivia, ou seja, à sua vida, e não à sua morte.

A segunda epígrafe do poema de Castro Alves é “*Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate*”, de Dante. Na **Divina comédia**, essas palavras estão escritas no portão de entrada para o Inferno, e significam “Deixai toda esperança, vós que entrais”. O uso dessa epígrafe revela a perspectiva que tem o eu lírico do que vem após a morte: o sofrimento, que exige o abandono de todas as esperanças.

AS “VOZES DA MORTE” NOS POEMAS

Em “Mocidade e morte”, a voz do eu lírico se manifesta em estrofes de oito versos, seguidas sempre por uma estrofe de apenas dois versos que trazem uma voz agourenta que profetiza sofrimento e morte. Esse efeito de contraste é tipicamente romântico, e nesse caso o “sublime” é representado pela fala do eu lírico sobre a vida e suas promessas de felicidade, contrastando com o “grotesco”, representado pela voz agourenta que fala de morte. Esse contraste promove o efeito de ressaltar ainda mais a beleza da vida e o terror da morte.

O contraste é também utilizado como recurso na composição do poema “O corvo”, em que a noite tempestuosa contrasta com a serenidade física de dentro do quarto. Nesse caso, o “grotesco” é representado pela tempestade e a presença do corvo na noite escura, contrastando com o “sublime” do quarto sereno e ricamente mobiliado. Esse efeito é novamente utilizado quando o corvo pousa sobre o busto de Palas, opondo a plumagem negra ao alvo mármore. A força do contraste, típica no Romantismo, é também aplicada no decorrer do poema. O corvo entra no quarto “esvoaçando agitado”, com o “aspecto tosquiado”, provocando riso no amante. Mas no desenvolvimento do poema, quando o pássaro impressiona o eu lírico com sua fala, este imediatamente troca o tom zombeteiro por um tom sério, em que o corvo passa a ser tratado como “demônio”, “cujas pupilas queimavam” o peito daquele que o observava.

O corvo é uma ave que aprende a repetição da fala humana, e este apenas diz “nunca mais”. Isso nos leva a crer que o corvo pertenceu anteriormente a alguém que, de acordo com o protótipo romântico, era melancólico e perdera as esperanças, repetindo sempre o bordão de sofrimento “nunca mais”, de maneira que a ave aprendeu a repetir apenas esse bordão. Essa continuidade do sofrimento, em que a ave captaria um bordão de desesperança de alguém e o transferiria

a outrem, reafirma o caráter de mau agouro representado pelo corvo. Inicialmente, o poeta pensa que "nunca mais" era o nome do corvo, mas a todas as perguntas o pássaro sempre respondia "nunca mais". De "amigo", o corvo passa a "demônio", quando aparentemente profetiza que ele jamais se reencontrará com a amada.

De acordo com o estudo de Debortoli (2000), o poder de predizer o futuro era atribuído ao animal corvo pelas culturas clássicas, o que levou o seu grasnar a ser usado em ritos de adivinhação. Ainda de acordo com esse estudo, diversas outras culturas envolveram o animal corvo em superstições e lendas. Os hebreus consideravam o corvo um animal impuro, os cristãos consideraram-no alegoria da solidão e na alquimia ele simboliza o caos, ou estado inicial, com sua cor negra associada à idéia das "trevas primitivas".

Há ainda uma lenda relativa ao animal corvo que diz que, quando uma pessoa morre, o corvo vem buscar sua alma para levá-la ao mundo dos mortos. Baseados nessa lenda, podemos dizer que, no poema de Poe, o corvo representa a morte, que "crava seu olhar" no eu lírico e aprisiona a sua alma em sua sombra. Com isso, entendemos que ter a alma aprisionada na sombra do corvo seria o mesmo que considerar, de acordo com a lenda, que o corvo veio buscar a alma do eu lírico.

Sua expressão medonha tem o ar de um diabo que sonha;
A candeia sobre ele verte-lhe a sombra nas tábuas espectrais,
E dessa sombra a minha alma, flutuando nas tábuas espectrais,
Não se erguerá jamais!
(POE, 1972, p.84)

Essa morte, entretanto, não é imposta ao eu lírico, mas é por ele desejada. Inicialmente, como já foi dito, o eu lírico desejava uma fuga da realidade nos estudos e no sonho para esquecer sua amada morta. Surge

Através da citação acima, percebe-se que o eu lírico consente em ser seduzido, pois o bordão de desesperança do corvo, a expressão "nunca mais", passa a ser seu próprio bordão. A evolução da relação entre o corvo e o eu lírico faz com que este vá ao encontro de sua morte. A terceira estrofe do poema já antecipa o fim trágico, pois o eu lírico lia quando de repente todos os elementos de seus aposentos lhe pareceram, pela primeira vez, aterrorizantes:

Da seda purpurina o rumor triste e vago na cortina
Enchia-me de temores não sentidos jamais.
(POE, 1972, p.80)

Pode-se considerar esses dois versos como prenúncios de um fim lúgubre, mas, ainda na terceira estrofe, o eu lírico procurava convencer a si próprio (e ao leitor) de que não havia nada:

Assim para a acalmia do meu peito eu repetia:
'É uma visita só, que pede entrada a horas tais;
Uma visita que vem pedir entrada a horas tais...
É apenas isto e nada mais.'
(POE, 1972, p.80)

A sedução, segundo Perrone-Moisés (1990), consiste em "levar para o lado", "desviar do caminho". Na linguagem do poema, esse desvio é a conotação, que é o que seduz no texto literário. No poema em análise, o corvo apenas é mencionado como elemento simbólico, ou seja, com um sentido conotativo, na última estrofe:

E o Corvo, sem se afastar, continua nesse lugar,
No busto pálido de Palas, em meus pátrios locais.
(POE, 1972, p.84)

No poema “Mocidade e morte”, é a possibilidade de perder aquilo que se ama, e não a perda em si, que provoca o sofrimento e impulsiona a criação literária. O eu lírico ama e deseja a vida, e o amor traz consigo o medo da perda. De acordo com Viegas (1994, p. 37), o amor é “uma tentativa de reconhecimento da própria incompletude, carregada de ameaça, carregada de sofrimento”. Essa ameaça que acompanha o amor é a possibilidade da perda do ser amado, que configura a vivência de uma morte simbólica ainda em vida. A perda amorosa, segundo Aranha e Martins (1995, p. 321), é “a vivência da morte do outro em minha consciência e a vivência de minha morte na consciência do outro”. No poema de Castro Alves, o eu lírico ama a vida, e esse amor traz consigo o medo da perda, que seria a morte. A ameaça da morte se intercala à fala do eu lírico, o que provoca seu sofrimento e impulsiona a criação literária.

A SEDUÇÃO DA MORTE NO ROMANTISMO

A sedução da morte deve ser também considerada do ponto de vista histórico, pois no Romantismo a angústia e o tédio que influenciaram os jovens da época se refletiram na literatura. Segundo Tavares (1991, p.69), “a vida tornou-se vazia e mera repetição caída em rotina exaustiva, tediosa. (...) Torna-se moda morrer cedo, em plena juventude, pois a existência nada de inédito oferece aos olhos de jovens que se presumem precocemente envelhecidos.” Esse fenômeno era o chamado *mal du siècle* dos franceses, o *Weltschmerz* dos alemães, ou o *spleen* dos ingleses.

A morte, portanto, seduzia os românticos por ser uma maneira de fuga da realidade tediosa e vazia. Em “O corvo”, o eu lírico consente em ser seduzido pela morte por ver nela uma possibilidade de reencontrar a amada. No poema, a vida que resulta em “mera repetição” e

ELEMENTOS DO TROVADORISMO RESGATADOS PELOS POEMAS

O Romantismo resgata elementos da poesia trovadoresca que podem ser percebidos nos poemas em análise. Os trovadores se ocupavam em falar de amor em suas canções, e esse amor era sempre infeliz, não realizado, assim como o amor tratado pelos românticos. Tanto no Trovadorismo como no Romantismo a amada ocupa um lugar impossível de ser atingido pelo eu lírico. Esse amor feito de renúncia faz com que o desejo dos amantes seja, por fim, a morte.

O poema "O Corvo" se aproxima das cantigas de amor na voz que fala e no amor idealizado: nas cantigas de amigo, quem fala é uma mulher sobre um amor realista de que se tem saudades, enquanto nas cantigas de amor e na poesia romântica quem fala é um homem sobre um amor idealizado. No entanto, nos demais elementos, o poema "O Corvo" se assemelha às cantigas de amigo, pois o ser amado está ausente, há presença de refrão e paralelismos. No poema de Poe, a ausência do ser a quem o eu lírico devota seu amor é devida à morte, como mostram os seguintes versos da segunda estrofe:

Quanto ansiava o dia! Aos livros eu pedia
Me fizessem esquecer a que os anjos, seus iguais,
Chamam Lenore, virgem radiosa, de quem os anjos são iguais...
Sem nome aqui, para nunca mais.
(POE, 1972, p.80)

O poema "Mocidade e morte" se assemelha também às cantigas de amor na voz que fala, que é masculina. Além disso, o eu lírico se refere à mulher amada como se ela estivesse fisicamente presente, despedindo-se dela, como mostram os seguintes versos:

Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus glória! amor! anelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
(ALVES, 1980, p. 17)

O refrão “nunca mais”, no poema de Poe, é sempre repetido com algumas diferenças, configurando um paralelismo, como exemplificam os últimos versos da oitava estrofe “Volveu o corvo: ‘Nunca mais’”, e os da nona estrofe, “E com o nome ‘Nunca mais’”. No poema de Castro Alves há também a ocorrência de paralelismos nos versos que precedem a voz agourenta, como mostram os seguintes versos: “E a mesma voz repete-me terrível”; “E a mesma voz repete funerária”.

Um aspecto interessante na poesia trovadoresca é o modo de tratar a mulher. Nas cantigas de amor, o trovador fala a uma mulher que manifesta atitude de desdém ao seu amor. No poema de Castro Alves não há indicação de que o eu lírico não fosse correspondido em seu amor, mas a separação devida à morte impossibilita a realização física do amor, como o faria a atitude de desdém da amada. A semelhança entre a maneira de tratar o amor no poema e nas cantigas, portanto, é justamente a impossibilidade de que esse amor seja realizado.

No poema “O Corvo”, o homem fala de seu amor por uma amada ausente, que é morta. Essa maneira de falar sobre o amor é semelhante às cantigas de amor, pois em ambos os casos a causa do sofrimento é a ausência. Isso ocorre porque, apesar da presença física da mulher nas cantigas de amor, sua atitude de desdém equivale à sua ausência. Dessa maneira, o “eu lírico” se vê diante da impossibilidade de realização física de seu amor.

A impossibilidade de realização física, seja devido ao desdém ou à morte da amada, torna o amor uma paixão dolorosa e, ao mesmo

tempo, desejável. Vivendo o amor como renúncia, o trovador e o romântico passam a encontrar prazer no sofrimento, pois este se sobrepõe ao sentimento amoroso, levando-os a desejar a morte. Esse desejo de morte devido à frustração amorosa possibilita a criação literária, já que a morte e a criação literária equivalem a maneiras de fuga da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amor e morte são temas inerentes à vida humana, e justamente por isso se refletem na arte ao longo dos séculos. A sociedade considera amor e morte como elementos opostos, embora a arte os aproxime e defenda que morrer por amor significa uma continuidade do amor, e não um aniquilamento do mesmo.

Na literatura, o Trovadorismo e o Romantismo são os estilos de época que mais claramente aproximam amor e morte. No Trovadorismo, temos as cantigas de amigo, nas quais uma voz feminina fala sobre um amado ausente, e temos também as cantigas de amor, nas quais uma voz masculina fala à amada supostamente presente, sendo que esta manifesta uma atitude de desdém em relação ao trovador que fala de seu amor. As cantigas de amor e de amigo tratam da questão da ausência do ser amado, ou seja, falam de uma atitude de desdém da mulher amada que equivale à sua ausência, sendo que a ausência do ser amado equivale à sua morte, ainda que simbólica. A ausência e o desdém equivalem à morte justamente por impossibilitarem a realização física do amor.

Já no Romantismo, temos geralmente uma voz masculina que fala sobre uma amada intangível, seja devido à diferença entre classes sociais, ao desdém ou à morte física. O Romantismo, apesar de

resgatar elementos das cantigas trovadorescas, como as temáticas de amor e de ausência do ser amado, apresenta também diferenças em relação a essas cantigas. A principal diferença ocorre com relação às cantigas de amigo, nas quais a voz feminina manifesta uma perspectiva de retorno do ser amado ausente, enquanto no Romantismo, mais especificamente no Ultra-Romantismo, não há uma perspectiva de reencontro entre os amantes. Esse pessimismo romântico faz com que a morte física seja a única perspectiva para aquele que ama, como fim para seus tormentos.

Nos poemas românticos “Mocidade e morte”, de Castro Alves, e “O corvo”, de Allan Poe, observamos o amor tratado sob o ponto de vista da perda. Em “O corvo”, o eu lírico lamenta sua amada morta, enquanto em “Mocidade e morte” o eu lírico lamenta estar morrendo enquanto sua amada vive. Em ambos, portanto, verificamos a impossibilidade de realização amorosa devido à perda. Vivenciar uma perda configura-se uma vivência da morte ainda em vida, pois a perda e a morte são apenas maneiras diferentes de falar sobre ausência. Os poemas analisados nos mostram, portanto, que morte não significa apenas o fim da existência física, mas toda e qualquer perda associada ao amor.

É interessante notar que, no poema “O corvo”, a frustração amorosa se manifesta na perda do ser amado, o que provoca o sofrimento do eu lírico e impulsiona a criação. Já no poema “Mocidade e morte”, o sofrimento do eu lírico não é ocasionado pela perda em si, mas pela possibilidade da perda, o que também provoca um sentimento de frustração que impulsiona a criação literária. Segundo o estudo sobre os mitos gregos proposto por Viegas (1994, p. 37), os opositores do amor (*Éros*) são “o torpor narcísico, ou seja, a permanência em si mesmo; o ocultamento na sombra, que é a morte, *thánatos*, e o conflito destruidor e desagregador, que é *néikos*, o ódio”, e esses opositores estão sempre

juntos, circulando em torno de *Eros*. Nesse sentido, o amor sempre traz consigo seus opositores, representando a possibilidade da frustração e da perda, pois o sofrimento é um risco do amor, impulsionando o amante a um desejo de refúgio no sonho, na morte ou na criação.

ABSTRACT

This is a study of lost love in association with death in the romantic poems 'Mocidade e morte', by Castro Alves, and 'The raven', by Allan Poe, focusing on seduction strategies presented in both. It points out similarities between the poems, which speak about suffering and have different voices to represent death, as well as the different ways each poem deals with death. It aims to show how the romantics approach the apparently different concepts of love and death, redeeming some of the troubadours' characteristics, among which creative impulse.

Key words: Love; Death; Seduction; Suffering; Loss; Castro Alves; Edgar Allan Poe.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de A.; MARTINS, Maria Helena P. A morte. In: **Filosofando: Introdução à filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p. 331-334.
- ARANHA, Maria Lúcia de A.; MARTINS, Maria Helena P. O amor. In: **Filosofando: Introdução à filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p. 319-322.
- BATAILLE, Georges. Introdução. In: **O erotismo**. Tradução Maria de Santa Cruz. 2. ed. Lisboa: Moraes Ed., 1980, p.13-18.
- CAMPEDELLI, Samira; LAJOLO, Marisa (org). Mocidade e morte. In: **Castro Alves: Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 15-17.
- DEBORTOLI, Irene R. **Mistérios da fauna à luz da maçonaria**. Contagem: UEMG, 2000, p. 56-57.

